

# **POR UMA ABORDAGEM SISTÊMICA, DESCRITIVA, FUNCIONAL E SUBJETIVA DA TRADUÇÃO PARA LEGENDAS**

*Carolina Alfaro de Carvalho\**

**RESUMO:** Este ensaio procura fazer convergir conceitos e métodos dos Estudos Descritivos de Tradução aplicados à modalidade de tradução para legendas e reflexões sobre a subjetividade do tradutor. Para isso, são inicialmente apresentados dois conceitos importantes dos Estudos Descritivos, o de tradução suposta e o de norma, de acordo com os quais é enfocada a prática da legendagem segundo uma ótica sistêmica, descritiva e funcional. Então é introduzida a questão da subjetividade, que até hoje não foi bem tratada pelas chamadas abordagens culturalistas da tradução, a qual é aqui abordada através de uma interface com a Psicanálise. Essa convergência visa a abrir caminho para uma nova proposta teórica e metodológica no campo dos Estudos da Tradução, de modo que este passe a considerar melhor as decisões subjetivas adotadas nos processos tradutórios.

**UNITERMOS:** Estudos Descritivos de Tradução; tradução audiovisual; legendagem; normas; subjetividade.

*ABSTRACT: This paper aims at discussing the intersection between concepts and methods of Descriptive Translation Studies applied to subtitling and reflections about the translator's subjectivity. In order to achieve this aim, two important concepts of descriptive studies are initially*

---

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro.

*presented, those of assumed translation and norm, according to which the practice of subtitling is focused from a systemic, descriptive and functional perspective. The issue of subjectivity is then introduced, an issue that has not received so far enough attention by the so-called culturalist approaches of translation, and which is here discussed through its interface with Psychoanalysis. This intersection has as an ultimate goal to open up a new theoretical and methodological path in the field of Translation Studies, in a way that it takes into better account the subjective decisions adopted in translation processes.*

*KEYWORDS: Descriptive Translation Studies; audiovisual translation; subtitling; norms; subjectivity.*

## **1. Introdução**

Este ensaio parte de duas motivações: por um lado, investigar a tradução para legendas com base em conceitos dos Estudos Descritivos de Tradução, uma das mais influentes abordagens entre as teorias de tradução atuais e que oferece instrumentos de pesquisa úteis e suficientemente maleáveis para serem aplicados a contextos e campos diversos daqueles nos quais foram originalmente concebidos, como é o caso da tradução audiovisual. Por outro lado, refletir sobre a subjetividade do tradutor, uma dimensão que até hoje não foi bem tratada pelos estudos da tradução, nos quais se destacam as abordagens conhecidas como *culturalistas*, entre as quais se encontram os Estudos Descritivos.

Para fazer convergir esses dois interesses, apresento primeiro os fundamentos teóricos com base nos quais investigarei a prática da legendagem, seguidos pelas principais normas que regem essa atividade e, então, por reflexões sobre a singularidade inerente a essa modalidade de tradução.

## **2. Fundamentos teóricos**

Durante a segunda metade do século XX, foi-se configurando o movimento literário e lingüístico conhecido como Pós-

Estruturalismo, o qual, a partir de conceitos fundamentais do Estruturalismo saussureano, relativizou de forma mais radical a noção de *língua* e passou a relacioná-la às diferentes culturas e ideologias. No campo da tradução, o impacto desse enfoque levou a um movimento de reflexão sobre a natureza dessa atividade, e sobretudo de revalorização da profissão, uma vez que seu desprestígio é atribuído a uma concepção da língua como algo universal, transcendente e cristalizado, na qual a tradução seria uma mera tarefa mecânica de substituição dos significantes da língua-fonte pelos da língua-meta. Outra noção que foi desconstruída é a de *originalidade* – e, portanto, a de *autoria*. A intertextualidade inevitavelmente permeia todo ato de leitura e de escrita, de modo que o autor de um texto não é mais o detentor único e original das idéias nele transmitidas. Por sua vez, o tradutor fica livre da obrigação de fidelidade às intenções originais do autor, que deixam de existir. Da mesma forma, o tradutor passou a ser entendido como “sobredeterminado” pela cultura na qual está inserido, pela ideologia, por sua história pessoal, por todos os textos que leu e conhecimentos que detém, e tudo isso influi na intervenção que ele opera no texto ao empreender sua tradução.

Podemos, portanto, dizer que as principais teorias de tradução atuais são de orientação *culturalista*, devido à ênfase que dão ao contexto sociocultural no qual se inserem os textos, o tradutor e a atividade que ele realiza. Esse é o caso dos Estudos Descritivos de Tradução, uma das mais influentes abordagens empregadas atualmente para a pesquisa no campo da tradução, cuja concepção nos remete principalmente à obra do teórico israelense Gideon Toury publicada nas décadas de 1980 e 1990 (o presente estudo é informado por suas obras de 1995a, 1995b e 1998).

Em linhas gerais, Toury adota numa visão sistêmica, descritiva e funcional da tradução, a qual é entendida como inserida no sistema maior formado por uma determinada cultura. O autor procura não partir de uma concepção *a priori* do que é tradução, de forma a considerar como objeto passível de estudo todo texto que seja aceito como uma tradução por uma dada cultura. Ele então apresenta um conceito mais amplo de tradução, ao

qual chama *tradução suposta* (*assumed translation*), que abrange todas as atividades que ele considera relevantes para os Estudos da Tradução, definindo aquilo que se supõe ser uma tradução como um conjunto interconectado de pelo menos três postulados (1995b: 143-144):

- i) o postulado do texto-fonte (*source-text postulate*), segundo o qual presume-se a existência de um texto anterior à tradução, do qual esta procede;
- ii) o postulado da transferência (*transfer postulate*), que assume que o processo de tradução tenha envolvido a transferência de certas características do suposto texto-fonte, as quais a tradução retém e que passam a estar presentes em ambos; e
- iii) o postulado da relação (*relationship postulate*), que supõe a existência de relações verificáveis que vinculem a tradução ao seu suposto texto-fonte.

Esses postulados podem ser verificados pelo pesquisador, mas a comprovação ou não de sua veracidade – através da análise comparativa entre a tradução e seu original, por exemplo – não influi no uso que a comunidade estudada faz do texto nem em sua condição de “tradução suposta”. Para que um texto exerça o papel de tradução e, portanto, fique estabelecida uma relação de equivalência entre ele e o original, basta que os postulados acima estejam “supostos”, mas não é imprescindível que sejam “confirmados”. De fato, a maioria dos consumidores de textos traduzidos nem pensaria em fazer essa comprovação, visto que, nas palavras de Toury (1995b: 137), “quando um texto é oferecido como uma tradução, ele é prontamente aceito como tal de boa fé, sem mais perguntas”.

Outro conceito crucial para a abordagem de Toury é o de “norma”, que ele aplica à tradução. As normas são instruções implícitas que refletem os valores e as idéias partilhados por uma comunidade e que regem o comportamento de membros de um grupo sob certas circunstâncias recorrentes. No caso dos tradutores inseridos numa comunidade, a recepção de cada texto traduzido produz um retorno quanto às expectativas e às reações dos clientes e consumidores, as quais podem acarretar

sanções positivas – tais como elogios, novos serviços, boas recomendações – ou negativas – críticas e correções, por exemplo. Com base nesse retorno, cada tradutor passará a ajustar suas estratégias e decisões de acordo com sua meta, buscando antecipar a recepção que seu texto terá. Nesse processo, as normas vão sendo renegociadas ou perpetuadas. Contudo, uma norma não é uma lei, capaz de regulamentar um comportamento como sendo o único lícito e de impor punições a quem não o cumprir. Nas palavras de Hermans (1991: 162), “a existência de uma norma não impede o comportamento errático ou idiossincrático, e uma norma não pode impedir que alguém decida rompê-la deliberadamente”.

Além de variarem com o tempo, as normas variam entre os (sub)sistemas de uma cultura e permeiam culturas diferentes, adquirindo graus distintos de generalização e coerção conforme as características específicas de cada sistema, das instituições e pessoas que o integram e de suas relações de poder. Na atividade da tradução se dá uma combinação especial de normas, visto que ela necessariamente envolve pelo menos dois sistemas de normas – aquelas subjacentes ao texto original, sua língua e cultura, e as do sistema-alvo. Como mediador, a tarefa do tradutor é produzir um texto que represente outro, pré-existente, que detém uma determinada posição em sua cultura de origem, e que consiga ocupar um lugar (preferencialmente aquele que os produtores da tradução tinham em mente ao empreender essa tarefa) na cultura de chegada. Em outras palavras, o texto traduzido deve conjugar um grau satisfatório de adequação com relação ao original e um nível suficiente de aceitação para seus propósitos. Em muitos casos, os dois sistemas culturais não serão plenamente compatíveis, e o tradutor buscará uma solução de compromisso, fazendo concessões de um lado ou de outro. Já a tarefa principal do pesquisador, segundo o paradigma descritivo, consistiria em reconstruir e compreender, a partir da análise dos textos em contextos sistêmicos macro e micro-estruturais, as normas que regeram sua elaboração.

A meu ver, essas abordagens e conceitos constituem subsídios ricos e suficientemente maleáveis para descrever sistemicamente a legendagem no contexto das práticas de tradução audiovisual realizadas no Brasil. A noção de tradução

suposta justificaria a inclusão da legendagem como objeto de estudo legítimo dos Estudos de Tradução, apesar de suas particularidades que a diferenciam de formas mais tradicionais de tradução. Afinal, a legendagem é de fato aceita como tradução pelos membros dos sistemas de que ela participa e, portanto, fica postulada a equivalência entre as legendas escritas e os diálogos com os quais elas estão sincronizadas. Já a investigação das normas subjacentes às traduções estudadas é de grande valia para caracterizar e compreender a legendagem em termos sistêmicos e funcionais, o que poderia fornecer *insights* úteis a profissionais, estudiosos, professores e alunos de tradução e contribuir para o desenvolvimento de uma metodologia de estudo sólida, capaz de sistematizar e agregar o número crescente de pesquisas realizadas nessa área.

### **3. Normas da tradução para legendas**

Além dos sistemas de normas referentes à cultura-fonte e à cultura-alvo, o tradutor para legendas deve conhecer os conjuntos de normas envolvidos na atividade da legendagem. Tais conjuntos de normas dizem respeito aos parâmetros próprios do meio no qual o produto será distribuído ou transmitido, às regras impostas pelos clientes diretos e indiretos e a características da elaboração e formatação do texto das legendas. De forma quase unânime, empregam-se no máximo duas linhas de legendas e estabelece-se uma razão entre o tempo de duração de cada legenda e o número máximo de caracteres que ela deve comportar para que o espectador adulto médio tenha tempo de lê-la integralmente. O valor exato dessa razão varia em função do meio empregado, do público-alvo e de preferências dos clientes.

Com relação ao meio de veiculação, os quatro meios mais utilizados no sistema brasileiro podem ter suas normas agrupadas em três conjuntos diferentes: aquele empregado na legendagem de filmes para exibição nos cinemas, o utilizado em VHS e canais de televisão por assinatura e o ligado à tradução para DVD. Podemos entender cada um desses conjuntos como um subsistema, visto que há instituições e profissionais diferentes especializados em cada um deles. Em função de cada meio de

veiculação, varia o número de caracteres que cabe por linha de legenda – maior no caso do cinema, menor nos meios exibidos pela televisão e, no caso do DVD, dependendo do formato de exibição do material (16x9, mantendo a proporção do cinema, ou 4x3, como na televisão) – e os procedimentos que o tradutor deve respeitar para se adequar à finalização dos diferentes materiais – por exemplo, se é ele que deve estabelecer a segmentação das legendas (caso do VHS e da TV por assinatura) ou se os diálogos são previamente segmentados na língua original e a tradução deve seguir esse formato (caso do cinema e do DVD).

Já os clientes que contratam a tradução determinam procedimentos referentes à realização dos serviços e à relação entre o tradutor e as equipes de trabalho do cliente, tais como as responsabilidades de cada um, prazos, entrega e devolução de materiais, valores de remuneração, cessão de direitos autorais, resolução de problemas específicos etc. Além disso, impõem parâmetros técnicos referentes a:

- padrões de marcação de tempo (duração mínima e máxima das legendas, intervalo entre legendas, razão de caracteres por segundo de exibição);
- padrões de segmentação das legendas (preferência por uma linha longa ou duas mais curtas, normas para a divisão das duas linhas da legenda);
- convenções tipográficas;
- uso ou não de reticências ao fim do texto de uma legenda que continua na legenda seguinte;
- uso de abreviações, siglas, símbolos e numerais;
- grau de permissividade com respeito ao uso de linguagem de baixo calão;
- grau de prioridade da norma culta sobre registros mais coloquiais;
- formato da fonte usada na legenda (tamanho, cor, contorno etc.);
- alinhamento das legendas (centralizadas ou alinhadas à esquerda).

Com respeito à elaboração do texto das legendas, há diversas normas que podem estar menos ou mais explícitas em ins-

truções fornecidas pelos clientes e que cabem ao tradutor aplicar da melhor maneira. É o caso da segmentação das legendas, se esta for de sua responsabilidade. Na medida do possível, tenta-se fazer com que uma legenda inclua um período completo ou uma oração e, caso o período precise se estender por mais de uma legenda, procura-se manter juntos os sintagmas de ordem mais alta na estrutura da sentença, de forma que cada legenda transmita uma idéia fechada e coerente. Para isso, é necessário realizar determinadas simplificações sintáticas, visando a facilitar a leitura. As simplificações mais comumente empregadas são:

- componentes sintáticos em ordem direta em vez de inversa ou intercalada;
- orações coordenadas em vez de subordinadas;
- construções ativas em vez de passivas;
- construções positivas em vez de negativas;
- verbos simples em vez de compostos;
- elipses em vez de sujeitos ou verbos repetidos na mesma oração;
- interrogações em vez de perguntas indiretas;
- imperativo em vez de solicitações indiretas.

Quando é necessário omitir parte do enunciado para que a legenda não ultrapasse o número de caracteres permitidos, procura-se manter na legenda os itens lexicais entendidos como mais carregados de sentido e relevantes para o enunciado. Além disso, na medida do possível, são mantidas palavras do diálogo que são enunciadas de modo enfático ou que tendem a ser mais facilmente identificadas ou compreendidas pelo público-alvo, seja por terem significado conhecido ou por se assemelharem foneticamente a uma palavra da língua-alvo. Caso seja necessário efetuar omissões, os componentes geralmente considerados mais redundantes e, portanto, dispensáveis são:

- vocativos, quando já se conhece o nome das pessoas envolvidas;
- pronomes demonstrativos, quando o objeto demonstrado está explícito (alternativamente, pode-se manter o pronome e omitir o substantivo referente ao objeto demonstrado);

- hesitações, gaguejos, pequenos vícios de linguagem e auto-correções na enunciação;
- falas em segundo plano, pouco audíveis ou sem relevância para o texto principal;
- onomatopéias;
- respostas sucintas e formalmente semelhantes à língua da tradução, tais como “sim”, “não”, “tchau”, “obrigado”, “ok”;
- construções redundantes ou desnecessariamente longas, tais como seqüências de adjetivos ou advérbios (particularmente comuns em língua inglesa), ou advérbios terminados em -mente (freqüentes em português, espanhol e outras línguas latinas).

É claro que freqüentemente é necessário omitir componentes menos redundantes, de acordo com a interpretação do tradutor sobre o que é considerado menos ou mais relevante em cada enunciado.

Com relação a variações dialetais, quando são sutis elas geralmente não são marcadas. Os enunciados excessivamente coloquiais ou as variantes dialetais fortes são indicados por escolhas lexicais e sintáticas que sinalizem, de forma sutil, que se trata de um dialeto não-padrão ou informal. Também é freqüente, por ordem dos clientes e mesmo por escolha dos tradutores, amenizar o uso de linguagem de baixo calão. Isso porque a legendagem se prende mais à norma culta do código escrito do que ao código oral que ela representa.

Finalmente, as referências culturais e geográficas, que impõem dificuldades significativas a qualquer prática tradutória, também demandam decisões difíceis no caso das legendas, principalmente em função da impossibilidade de se acrescentarem notas explicativas ou informações adicionais extensas e da prioridade dada à legibilidade e à compreensibilidade do texto. As estratégias geralmente utilizadas são as mesmas de outras modalidades de tradução; porém, as normas aplicadas para se tomar uma decisão e a forma como o texto na língua-alvo será reformulado dependerão das restrições técnicas, do contexto textual, da natureza e do gênero do material, do público-alvo e das preferências do cliente.

Vejamos um breve exemplo que ilustre as normas sintetizadas acima, extraído do documentário de longa-metragem *Timor Lorosae*: o massacre que o mundo não viu, dirigido por Lucélia Santos, Brasil, 2001, traduzido por mim do português para o espanhol, para veiculação em DVD e VHS. Os parâmetros determinados por meu cliente foram 32 caracteres por linha, 13 caracteres por segundo, legendas com no mínimo 1 e no máximo 6 segundos de duração, e duas linhas de legenda caso a extensão do segmento ultrapassasse 25 caracteres. A segmentação das legendas era de minha responsabilidade e o público-alvo seria potencialmente qualquer país de língua hispânica. Transcrevo abaixo um pequeno trecho da narração de abertura do filme, numerando as linhas:

**Tabela 1. Transcrição**

#	Transcrição
1	Banhada pelos oceanos Índico e Pacífico, esta faixa
2	oriental de território da ilha de Timor tem
3	quatorze mil, oitocentos e setenta e quatro
4	quilômetros quadrados, o equivalente ao estado de
5	Sergipe no Brasil, e faz fronteira com o Timor
6	oeste, território indonésio.

As legendas estão reproduzidas na tabela abaixo. Da esquerda para a direita, a primeira coluna indica o tempo de entrada e saída de cada legenda, informando hora, minuto, segundo e quadro (cada segundo possui 30 quadros); a segunda coluna informa a duração da legenda em segundos e quadros; e a terceira enumera as legendas reproduzidas na quarta coluna.

**Tabela 2. Legendas**

Tempo	Duração	#	Legendas
01:05:04.16 01:05:07.18	3.02	1	<i>Bañada por los océanos Índico y Pacífico,</i>
01:05:07.18 01:05:10.19	3.01	2	<i>esta faja oriental de la isla de Timor</i>
01:05:10.19 01:05:13.20	3.01	3	<i>tiene 14.874km2,</i>
01:05:13.20 01:05:17.13	3.23	4	<i>un poco menos que Hawai.</i>
01:05:17.13 01:05:21.25	4.12	5	<i>Hace frontera con el territorio indonesio de Timor Occidental.</i>

Como se pode notar, o período correspondente à transcrição foi subdividido em dois períodos nas legendas. Na legenda 5 (linhas 5 e 6 da transcrição), o texto foi redigido em ordem mais direta, sem a elipse, já que uma explicitação do tipo *Hace frontera con Timor Occidental, que es territorio indonesio* ocuparia mais espaço e a primeira oração, tendo 35 caracteres, não caberia inteiramente na primeira linha da legenda. Na legenda 2 (linhas 1 e 2 da transcrição), a palavra “território” e a preposição “de” foram omitidas, visto que o texto integral não caberia na legenda e julguei essa informação menos imprescindível do que as que mantive na tradução. A área de Timor Leste (linhas 3 e 4 da transcrição) foi escrita na forma de numeral com o padrão de medida abreviado como “km<sup>2</sup>”. Finalmente, decidi substituir a referência geográfica feita a Sergipe, dirigida ao público brasileiro, pois considerei que ela não serviria muito ao espectador de potencialmente qualquer país de língua hispânica. Pesquisando em atlas virtuais, disponíveis na Internet, locais com território semelhante ao de Timor Leste que fossem um pouco mais conhecidos internacionalmente, cheguei ao do Havaí. Comuniquei essa alteração ao meu cliente e o controle de qualidade a acatou.

Em suma, o tradutor para legendas deve conhecer os processos de produção e pós-produção de materiais audiovisuais, entender sua posição no sistema e saber relacionar-se com os múltiplos participantes e conjuntos de normas envolvidos na legendagem. Além dos desafios pertinentes à atividade tradutória de modo geral, é preciso equilibrar os diversos interesses, parâmetros e preferências em jogo, tais como:

- dos clientes diretos e indiretos, que criam, distribuem e comercializam seus produtos, além de verificar a qualidade e remunerar os serviços ligados a essas atividades;
- dos meios de veiculação dos materiais audiovisuais e suas restrições técnicas; e
- das características próprias da tradução para legendas.

Isso sem esquecer os diversos públicos a que se destinam os produtos, a verdadeira motivação que aciona todo o funcionamento do sistema. Alheios aos procedimentos e decisões que

resultaram na versão final do produto traduzido, os consumidores têm seus próprios interesses e expectativas com relação ao material a que irão assistir. A previsão acertada dessas expectativas pode ser decisiva na posição que virá a ser assumida pelo produto no sistema-alvo, e esse objetivo motiva muitas das escolhas feitas por todos os envolvidos nos processos de pós-produção e distribuição dos materiais, entre os quais a tradução.

Porém, mesmo um exemplo breve e simples como o apresentado acima aponta para um aspecto crucial da atividade tradutória que, a meu ver, faz-se mais evidente na tradução para legendas do que na maioria das outras modalidades de tradução devido à presença do original: o caráter “singular” de parte do processo de decisão realizado pelo tradutor. É claro que muitas das soluções adotadas na legendagem podem ser explicadas em termos de normas, preferências textuais e mesmo hierarquia entre os vários profissionais que participam do processo de produção e finalização de materiais audiovisuais. Contudo, há também uma dimensão subjetiva, íntima, que rege uma série de escolhas que não se deixam dominar totalmente pelos interesses e normas do sistema em que se encontra o indivíduo – dimensão que fica fora do escopo das abordagens culturalistas de tradução, entre as quais os Estudos Descritivos.

#### **4. A singularidade da tradução para legendas**

Segundo Frota (2000), as abordagens culturalistas de tradução continuam mantendo a separação entre sujeito e objeto, que subjazia ao Estruturalismo e na qual se baseava a criticada distinção entre *langue* e *parole* – na primeira, a língua era concebida como exterior e anterior ao falante, sobre a qual este não tem poder algum: na segunda, o indivíduo era elevado a mestre de sua fala, com total controle sobre sua produção e compreensão. Como mostra Frota,

por serem os dois termos [da dicotomia sujeito/objeto] encarados como instâncias unas e hierarquizáveis, o que quer que seja colocado no lugar de “objeto” (a natureza ou a cultura; formações sociais e ideológicas; línguas, textos

ou discursos; significados) pode assumir um caráter de dominação sobre o sujeito, ou, ao contrário, de submissão a ele. (2000: 128)

Em função dessa separação, os teóricos ligados às abordagens culturalistas freqüentemente caem num paradoxo: devido ao percurso que foi feito para desconstruir a noção de autoria, eles rejeitam a idéia de subjetividade (entendida no sentido cartesiano) e, portanto, o indivíduo – o tradutor, por exemplo – é entendido como um produto de seu meio sociocultural, da ideologia dominante em sua cultura, da história ou da linguagem, a eles totalmente submisso. Entretanto, no desejo de valorizar o ofício do tradutor, ocasionalmente são apresentadas situações que envolvem a participação do tradutor como indivíduo – sejam elas referentes a inovações, transformações radicais das normas de um sistema, instâncias de visibilidade do tradutor, manipulações de cunho cultural ou ideológico praticadas nos textos – e nesses casos o sujeito é elevado à mesma condição autoral combatida pelos Estudos da Tradução.

Com o objetivo de superar essa dicotomia e melhor compreender a subjetividade do tradutor, Frota recorreu à Psicanálise, segundo a qual o plano do real propriamente dito é inacessível e aquilo a que chamamos realidade é criado pelo discurso. Por isso, nem o contexto sociocultural nem o indivíduo existem como entidades separadas da linguagem. Por um lado, o sujeito não é livre, senhor de seus atos, pois é *assujeitado* pelo discurso que permeia toda a realidade que o cerca. Ele é, nesse sentido, *sobredeterminado* pela língua, pela história, pela cultura, pela ideologia. Mas, por outro lado, tais realidades não independem do sujeito – elas o constituem, mas também são por ele constituídas. Por meio do discurso, o sujeito é capaz de agir sobre a realidade.

Porque referidos a uma dimensão social, [língua e sujeito] apresentam uma faceta de estabilidade, de previsibilidade; porque imbricados ao desejo, apresentam uma faceta de imprevisibilidade e de ruptura (ibid: 232).

Essa interferência se dá de modo especial através de formações discursivas singulares, isto é, enunciados que transcendem tanto a intenção consciente do falante quanto as possíveis interpretações em circulação num determinado contexto social, remetendo assim a uma instância íntima do sujeito. Frota traz para o campo da tradução essa reflexão sobre a singularidade:

Através da noção de singularidade, fica delineada uma modalidade de evento na escrita tradutória para além daquelas que contam com os selos do certo e do errado. Tal evento, do ponto de vista de sua recepção, não é unanimemente aceito nem rejeitado; do ponto de vista de sua produção, ele se realiza através de formas lingüísticas sobre-determinadas na diversidade lingüístico-cultural, que é ao mesmo tempo condicionante e efeito da história subjetiva daquele que (se) escreve. (ibid: 194)

Uma conseqüência disso é que as formações singulares não são devidamente identificadas se não se conhecer a motivação de seu autor. Um observador externo não tem como julgar se dada solução tradutória que rompe com suas expectativas é um deslize, um erro por má compreensão, uma manipulação planejada, uma censura ou um ato criativo, se não souber, por meio de algum tipo de depoimento do tradutor, se tal decisão é ou não intencional e baseada em que reflexões. Outra conseqüência é que as formações singulares não destoam nem do contexto lingüístico dos textos em que aparecem e nem dos possíveis contextos interpretativos, factuais e históricos, dos quais partilham seus leitores ou ouvintes. Por isso, não são percebidas sem o cotejo da tradução com o original. Cotejo que raramente ocorre, afirma Frota, de modo que a singularidade tradutora quase nunca é percebida. Mas esse não é o caso da tradução para legendas.

Uma das particularidades da tradução para legendas, que a distingue de outras modalidades de tradução, é que ela não possui autonomia – o material audiovisual original sempre a acompanha. Além disso, ela está sempre visível enquanto interferência secundária e ancilar sobre o produto de interesse do

público. É nesse sentido que Jorge Díaz Cintas chama a legendagem de *tradução vulnerável*, visto que

[o] TM [texto-meta] não só deve se adequar às numerosas limitações impostas pelo meio [...] como também deve se submeter ao escrutínio comparativo e avaliativo de um público que, como regra geral, tende a ter um conhecimento (variável e discutível) das línguas em contraste [...]. (Díaz Cintas, 1997: 218)

Naturalmente, em que medida o público compreenderá o texto na língua original dependerá de diversos fatores, a começar por qual é a língua original. No caso dos dois idiomas estrangeiros mais presentes na cultura brasileira, inglês e espanhol, ainda que para a maioria dos espectadores a compreensão fique restrita a palavras soltas e frases simples, a comparação entre o texto das legendas e os enunciados ouvidos é praticamente inevitável. Além disso, a presença do áudio em língua estrangeira associada à segmentação e à sincronia das legendas facilita o contraste entre ambos.

Porém, mais do que no contraste entre original e tradução feito pelo público, pensemos aqui num encontro entre sujeitos: de um lado, o sujeito-tradutor, com sua interpretação do material audiovisual, seus objetivos, coerções, conhecimentos, experiências, inferências, sua projeção do público-alvo e dos conhecimentos que este pode vir a ter; do outro, o sujeito-espectador, com sua própria interpretação permeada por sua história pessoal e expectativas sobre o material a que está assistindo e sobre aquilo que se apresenta como sendo a tradução desse material. Nesse encontro, devido ao caráter vulnerável da legendagem, o espectador eventualmente detectará a singularidade que inevitavelmente a permeia.

No exemplo apresentado na seção anterior, muitos espectadores detectarão a intervenção que operei na tradução no caso da substituição de “Sergipe” por “Havaí”, a qual talvez represente uma quebra de expectativa com relação ao que normalmente se espera de uma tradução, por se tratar de uma decisão singular minha, baseada em inferências sobre o conhecimento de mundo que imagino que o espectador médio tenha, inferências

essas que de fato se apóiam em minha própria visão de mundo. Se o texto traduzido tivesse autonomia – como ocorre com os textos literários, por exemplo – ou se não houvesse o contraste com o original – como no caso da dublagem –, minha intervenção passaria despercebida e não correria o risco de ser avaliada. Mas, na legendagem, essa decisão singular fica exposta, através de uma forma de tradução vulnerável, a inúmeros outros sujeitos, com vivências, interpretações e expectativas também singulares, que podem muito bem discordar da solução adotada. Afinal, a maior parte do público consumidor de produtos audiovisuais partilha das noções do senso comum sobre línguas e tradução, que tendem a ver a língua como nomenclatura e a tradução como simples transferência, e desconhece procedimentos, parâmetros e normas de legendagem. Por outro lado, é a ele que se destina o produto: ele é o consumidor e, como tal, tem o direito de fazer exigências e reclamações sobre o produto que adquire.

Acredito que aqui entra mais um desafio que o tradutor deve enfrentar: de acordo com sua avaliação de cada situação – línguas, culturas, tipo de material, características do produto, condições de trabalho, instruções dos clientes, objetivos da tradução – procurar o equilíbrio que melhor satisfaça a todos os envolvidos. Tal avaliação é sem dúvida subjetiva, mas, em última instância, é de subjetividades que se compõem os sistemas, e são as relações, afinidades e tensões entre os sujeitos que lhes dão vida.

## **5. Conclusão: uma proposta**

Deixo então uma proposta aos estudiosos da tradução, não só no campo audiovisual, mas na atividade tradutória de modo geral: a de buscar um diálogo maior entre teorias e metodologias de pesquisa capazes de abordar diferentes dimensões da tradução, trazendo *insights* de outras áreas dos Estudos Sociais e da Linguística. Tal diálogo deverá enriquecer as bases teóricas e os instrumentos de investigação dos Estudos da Tradução, de modo a incluir reflexões sobre as estratégias e decisões subjetivas adotadas nos processos tradutórios, e assim conhecer mais profundamente essa figura fundamental em nosso meio – o tradutor.

## Referências Bibliográficas

- DÍAZ CINTAS, J. (1997) El subtitulado en tanto que modalidad de traducción filmica dentro del marco teórico de los Estudios sobre Traducción (Misterioso asesinato en *Manhattan*, Woody Allen, 1993). Tese de Doutorado, Valencia: Universitat de Valencia.
- FROTA, M.P. (2000) *A singularidade na escrita tradutora – linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na lingüística e na psicanálise*. Campinas/São Paulo: Pontes/FAPESP.
- HERMANS, T. (1991) Translational norms and correct translations, In *Translation studies: the state of the art – proceedings of the First James S Holmes Symposium on Translation Studies*. LEUVEN-ZWART, K.M. & NAAIJKENS, T. (eds.) Amsterdam-Atlanta: Rodopi.
- TOURY, G. (1995a) The nature and role of norms in translation, in *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins.
- \_\_\_\_\_ (1995b) The notion of “assumed translation” – an invitation to a new discussion, in BLOEMEN, H., HERTOOG, E & SEGERS, W. (eds.) *Letterlijkheid, woordelijkheid (literality, verbality)*, Antwerpen-Harmelen: Fantom.
- \_\_\_\_\_ (1998) A handful of paragraphs on “translation” and “norms,” in SCHÄFFNER, C. (ed.) *Translation and norms*, Clevedon: Multilingual Matters.

